



Editorial

Depois disso tudo, as pessoas não vão querer disputar de novo o seu oxigênio com dezenas de colegas num espaço pequeno de trabalho. As mudanças já estão em gestação. [...] Não podemos voltar àquele ritmo, ligar todos os carros, todas as máquinas ao mesmo tempo. Seria como se converter ao negacionismo, aceitar que a terra é plana e que devemos seguir nos devorando. Aí, sim, teremos provado que a humanidade é uma mentira.

Ailton Krenak

O feminismo negro emergiu como um esforço teórico e prático de demonstrar que raça, gênero e classe são inseparáveis nos contextos sociais em que vivemos. Na época de seu surgimento, com frequência pedia-se às mulheres negras que escolhessem o que era mais importante, o movimento negro ou o movimento das mulheres. A resposta era que a questão estava errada. O mais adequado seria como compreender as interseções e as interconexões entre os dois movimentos. Ainda estamos diante do desafio de apreender as formas complexas como raça, classe, gênero, sexualidade, nacionalidade e capacidades se entrelaçam – e como superamos essas categorias para entender as inter-relações entre ideias e processos que parecem ser isolados e dissociados. Nesse sentido, insistir que há ligações entre as lutas e o racismo nos Estados Unidos e as lutas contra repressão israelense ao povo palestino é um processo feminista.

Angela Davis

Uma vez mais, são tempos de histórias...

No contexto de preparação desta edição da *Em Tempo de Histórias* que ora vem a público, o primeiro semestre de 2020, as formas usuais de organização da vida, do trabalho, do lazer, de usufruir dos espaços públicos, de protestar, de sociabilidade, de estudar, de arquitetar encontros acadêmicos foram completamente desestabilizadas pela pandemia provocada pela COVID-19, que surgiu em Wuhan, na China, e rapidamente chegou em todos os continentes. Por se tratar de uma infecção extremamente contagiosa, o mundo se viu compelido a adotar estratégias de isolamento social e de distanciamento, a fim de conter a circulação do vírus.

Especialmente no caso do Brasil, a crise sanitária coincidiu com um governo federal negacionista, contrário à ciência, abertamente neoliberal e, portanto, desfavorável a políticas públicas. A Presidência da República protagonizou várias polêmicas em torno da minimização da letalidade do vírus, incentivou boicotes às medidas de isolamento e, ao passo em que, num pronunciamento em cadeia nacional, denominava o problema de “uma gripezinha”, fazia também trocas no Ministério da Saúde que enfraqueciam ainda mais a capacidade reativa da pasta. Enquanto isso, pela falta de ações concretas e coordenadas para enfrentar a situação, muitos milhares

de brasileiros/as, infelizmente, vieram a óbito, por conta da COVID-19. Aqui, registramos nossa solidariedade para com as famílias que tiveram entes vitimados/as pela doença.

Nesse cenário, as desigualdades que permeiam nossa sociedade ficaram ainda mais à mostra. A possibilidade de manter o isolamento social, de “ficar em casa”, passa (no presente, porque é uma situação em andamento) inequivocamente por uma condição de classe. Da pior e mais cruel maneira possível, a falácia da cartilha neoliberal ficou escancarada. Ao contrário do que dizem os que pregam um “Estado-mínimo”, nos vimos mais dependentes do SUS, das políticas de distribuição de renda, entre outros. Tornou-se ainda mais notória a necessidade de se investir em ciência e em pesquisa. Explicitou-se, com mais força, a centralidade das universidades públicas, como espaços estratégicos de pesquisa e de produção do conhecimento que ocuparam e ocupam a linha de frente em termos de testagem de vacinas, medicamentos, de criação de testes rápidos e similares. Esse foi o caso, por exemplo, da Universidade de Brasília (UnB), sede da *Em Tempo de Histórias*, que tem desempenhado papel fundamental, junto ao Distrito Federal, na formulação de ações de combate ao vírus e na produção de equipamentos e insumos destinados a higienização ou uso médico.

Ainda nesse contexto, em 25 de maio de 2020, George Floyd, homem negro, 46 anos, foi assassinado em Minnesota, nos Estados Unidos, por um policial branco que se ajoelhou em seu pescoço e o asfixiou até a morte. O terrível episódio fez explodir uma onda de manifestações antirracistas e contra a violência policial, que se iniciou naquele país e, logo mais, ocupou as ruas de inúmeros outros, inclusive do Brasil, em que o *modus operandi* da polícia guarda muitas semelhanças com esse caso ocorrido nos EUA. Nos últimos meses, vários agentes da polícia, especialmente em São Paulo e no Rio de Janeiro, foram denunciados por abordagens abusivas ou espancamentos de pessoas negras. Para nossa indignação que já ecoa faz tempo, também nos últimos meses nossos noticiários foram estampados por situações em que crianças negras tiveram suas vidas interrompidas por balas policiais “perdidas” que insistem em só encontrar corpos negros e pobres, como aconteceu com o menino João Pedro, 14 anos, de São Gonçalo, no Rio de Janeiro, que, em 18 de maio de 2020, estando no interior de uma residência, foi baleado em meio a uma operação policial. Fazendo coro com as manifestações, reafirmamos que #VidasNegrasImportam ou, na versão em língua inglesa, #BlackLivesMatter. Importam suas vidas, importam suas histórias, importam suas memórias.

Oportunamente, esta edição da *Em Tempo de Histórias* traz a público o Dossiê Temático “Dinâmicas das relações raciais nas diásporas africanas em perspectiva interseccional”, organizado pelo Prof. Dr. João Gabriel do Nascimento Nganga (NEAB – UFU) e pela Profa. Dra. Jaciely Soares da Silva (IFNMG). Embora em um momento lamentável, fica evidente a relevância da temática e a urgência de que ela seja inserida na ordem do dia. O dossiê serve como força motriz para ampliar nossa revolta contra o racismo, exatamente porque demonstra o protagonismo de negros e negras em diferentes historicidades, e coloca em cena a capacidade de resistir, de se reinventar, de confrontar, de recusar epistemologias racistas e colonialistas e criar outras formas de produzir conhecimento, de ousar ocupar espaços que o racismo tenta interditar.

Trata-se de um conjunto de textos notadamente interdisciplinar, de autores/as com trajetórias formativas diversas, inclusive do ponto de vista geográfico, que passam pela história, pela sociologia, pela linguística, pela educação, pelas artes plásticas e pela matemática. Os trabalhos, enfim, mostram que, tanto ontem como hoje, negros e negras desafiam os lugares impostos por uma sociedade racista e excludente e, ao fazer isso, se constituem como sujeitos de direito, sujeitos da história, sujeitos na história.

Além do dossiê, este número conta com a sessão de artigos livres, na qual foram publicados três textos. No primeiro, de autoria de Vanessa de Jesus Queiroz, intitulado *Ciência de fatos ou método enganoso? A homeopatia nos Annaes Brasilienses de Medicina (RJ) e no Jornal O médico do povo (RJ) entre as décadas de 1850 e 1860*, são discutidos os sentidos atribuídos à homeopatia em dois periódicos da segunda metade do século XIX, no Brasil.

Na sequência, o artigo *Por uma Pesquisa Histórica Comparada entre Museus Históricos Regionais – Ceará/Goiás*, de Daniel Barreto Lopes, é sobre os modos como os museus narram, expõem e visibilizam vestígios do passado, a partir dos casos do Museu Regional dos Inhamuns, no Ceará, e do Museu Couros de Formosa, em Goiás.

Por último, Thiago Henrique Sampaio, no trabalho *O Imperialismo em sala de aula: uma análise dos livros didáticos de História do PNL D 2020*, problematiza as interpretações e abordagens do imperialismo em livros didáticos de história para o 8º Ano do Ensino Fundamental.

A edição é enriquecida, ainda, pela seção de resenhas, com dois trabalhos. Laura Junqueira de Melo Reis resenhou “*Concebendo a liberdade: mulheres de cor, gênero e abolição da escravidão nas cidades de Havana e Rio de Janeiro*”, de Camillia Cowling, obra que traz muitas aproximações com o dossiê temático publicado nesse número. A segunda resenha é de autoria de Paula Franco, que analisou “*Como será o passado? História, historiadores e Comissão Nacional da Verdade*”, de Caroline Silveira Bauer.

Finalmente, dois agradecimentos são necessários: o primeiro é para a fotógrafa Annelize Tozetto, que, gentilmente, nos cedeu a imagem usada na capa desse número. A foto é do protesto antirracista e antifascista acontecido em São Paulo, em 7 de junho de 2020, e dialoga diretamente com o eixo do dossiê temático. O segundo agradecimento é para os/as pareceristas dessa edição, cujas contribuições foram fundamentais para aprimorar a qualidade dos trabalhos publicados na *Em Tempo de Histórias*. Desejamos a todos/as uma excelente leitura!

Artur Nogueira Santos e Costa
Conselho Editorial

Referências:

DAVIS, Angela. *A liberdade é uma luta constante*. São Paulo: Boitempo, 2018.

KRENAK, Ailton. *O amanhã não está à venda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.